



PARTE 4
DOSSIÊ CASTRO ALVES

CASTRO, OUVES A POESIA NEGRA?

*Cuti (Luiz Silva)**

RESUMO

Há uma relação estreita entre a obra do poeta Castro Alves e a poesia dos negros brasileiros, pela temática, bem como por seus apelos à oralidade. A necessidade de mobilização social gerou muitos poemas próprios para a declamação. Deu-se uma identidade ideológica e, ao mesmo tempo, formal. A visão do mundo e o engajamento contra o racismo permitiram aos afro-descendentes criar uma poesia visceral que, no diálogo crítico com o *Poeta dos Escravos*, revela uma subjetividade singular nascida da experiência vivida. Luiz Gama, que escreveu sua obra antes de Castro Alves, Cruz e Sousa, Solano Trindade e os poetas contemporâneos Carlos de Assumpção, Oswaldo de Camargo e Éle Semog são os autores escolhidos para esta aproximação textual, escrita em um estilo epistolar.

Vivo, presente em nosso tempo, tens ocupado muitas falas e textos. Ninguém duvida dos teus 150 anos de idade, apesar de um óbito registrado aos 24 apenas.

Se vivo estás, carece de ouvir, com os ouvidos possíveis, que te são garantidos pela eternidade.

Em que pesem os anos, a arte traspassa-os com a leveza dos passos, ainda que leve consigo velhos conflitos mal solucionados. E, entre tantos destes, aquele, que contemplou o afro-exilado pela força bruta, ainda carece de elucidação profunda. E tu já havias percebido um dos símbolos mais expressivos para a nossa complexa identidade de povo: Palmares. A este quilombo fizeste tua “Saudação a Palmares”:

*Salve! Região dos valentes
Onde os ecos estridentes
Mandam aos plainos trementes
Os gritos do caçador!
E ao longe os latidos soam,
E as trompas da caça atroam...
E os corvos negros revoam
Sobre o campo abrasador!...*
(Alves, 1953, p. 536-537)

* Escritor e pós-graduando em Teoria da Literatura no IEL – Unicamp.

Foi acertado, meu caro Secéu.¹ Permita-me a intimidade. O Quilombo Maior foi recuperado na figura de Zumbi, que renasceu da invisibilidade em que foi mantido durante muito tempo. Sabias do abismo que te separava da senzala. Mas ele não impedia que chegasses, com as asas de teu condor, à outra margem da saga brasileira, a mais dura e difícil, que desde muito cedo, a tua imaginação foi meio para desvendar.

De África, a tua visão incluía basicamente leões e os areais de onde vinham os acorrentados, viemos, vim. O que reduzia, drasticamente, aquela dimensão continental. Mas, que importa o que depois se descobre? Afinal, estamos presos ao nosso tempo, enquanto vamos tecendo, com os saberes possíveis, a nossa eternidade.

Os gemidos devem ter te incomodado profundamente. Convergiam, com certeza, para os de Leopoldina, a tua babá. Ouviste, sem dúvida, que juntos com ela moravam versos trazidos de longe e transmitidos das seivas dos lábios para o veludo escuro do ouvido, como herança. Embora estranhos à dicção dominante – aquela cheirando, principalmente, perfume francês e revolução – afetividades noturnas de uma África mais íntima já te haviam impregnado de histórias a infância.

E, ainda hoje, aquele mesmo fio continua. Só que, agora, também tua poesia a ele está intimamente trançada. E os tons são vários. E de todos os pontos do mundo chegam outros que se associam. E há mesmo os que dialogam contigo. E dizem coisas diversas. Que o tempo ensinou muita coisa. Outras tantas africanias que não propuseste, mas algumas que intuístes. Quando a doença bateu na tua porta, sonhavas com uma epopéia a partir da experiência da República de Palmares,² assim como, mais tarde o romancista Lima Barreto projetaria um “Germinal Negro” como assinala Francisco de Assis Barbosa,³ o que também não redundou em obra. Outros mais tarde se aventurariam, pois a saga afro-brasileira é repleta de dor, mas também de heroísmos e mistérios.

Não foste o poeta para os escravizados, mas foste o poeta sobre os escravizados, como só poderia ser, na tua condição de branco, escrevendo num tempo de profundo desdém dirigido à humanidade dos africanos e afro-descendentes no País. Um tempo em que aprender a ler, para os mais sofridos, era crime ou petulância, passíveis de punição. Escrever então!.. Acaso houve algum de teus recitais na senzala ou talvez em algum quilombo? E teria dado certo? Mas, os escravizados tiverem filhos, e seus filhos outros filhos, outros filhos... Por essa via chegaste ao quilombo de dentro do peito. E o brilho genuíno, da dor e revolta, passou a se refletir em letra e voz, mais intimamente.

¹ “Os irmãos não lhe chamavam Antônio, mas Secéu, onomatopéia, que, Célia, a mucama, o pai acharam naturalmente um apelido delicioso”. (Calmon, 1957, p. 49)

² “Lampejos de melhora e esperança davam-lhe por vezes ímpetos formidáveis: assim foi o plano de consagrar à ‘república de Palmares’ uma ilíada que começaria pela ‘Saudação’, escrita em Santa Izabel, como um exercício de retórica”. (Calmon, 1947, p. 236)

³ “O primeiro projeto é o de escrever uma história da escravidão negra no Brasil e de sua influência na nacionalidade./.../ Dois anos depois já não é mais o ensaio sociológico que o seduz, mas o romance, expresso no desejo de escrever ‘uma espécie de *Germinal* negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopéia’, com o qual introduziria o ‘negrismo na literatura nacional’”. (Barreto, s.d., p. 11)

Poemas de ontem conversam com poemas de hoje e conversarão com os que ainda habitam o limbo. Assuntos prediletos, tons, visões do mundo, estilos, opções estéticas, contrariedades. São várias e múltiplas as aproximações. Não há poeta que não dialogue suas intimidades com outras tantas.

Castro Alves, de tantos diálogos havidos, ouves, por acaso, este que tua obra entabula com os filhos, netos, bisnetos e tataranetos dos escravizados de teu tempo?

Mesmo antes de teu nascimento, em 1830, um teu conterrâneo, filho da guerreira Luiza Mahin, fora vendido pelo pai, branco este, aos dez anos de idade. Mas ainda assim, libertou-se e chegou, satiricamente, às letras com a tintura da afro-história-brasileira. E constatava, “No Álbum”, do livro **Trovas burlescas de Getulino**:

*Mordendo na sola,
Empunha o martelo,
Não queiras com brancas
Meter-te a tarelo.*

....

*Que o branco é mordaz
Tem sangue azulado;
Se boles com ele
Estás embirado.*

...

*Ciências e letras
Não são para ti
Pretinho da Costa
Não é gente aqui.*

....

*Desculpa, meu amigo
Eu nada te posso dar;
Na terra que rege o branco
Nos privam té de pensar!*

*Ao peso do cativoiro
Perdemos razão e tino,
Sofrendo barbaridades
Em nome do ser divino!!
(Silva, 1954, p.127-131)*

Tinhas, meu caro Antônio, apenas 12 anos, quando o poeta satírico e abolicionista Luís Gama publicou, em São Paulo, seu único livro, as **Trovas burlescas de Getulino** (1859). Já era o “eu” diferenciado, que tanto te esforçaste para captar, dando voz a teus personagens negros, como em “Máter Dolorosa”, “Canção do Africano”, “Tragédia no Lar”, “Bandido Negro” e outros poemas. A tua voz de branco, e livresca, é verdade. Mas também a tua arte de se imaginar o **outro**, como o fizeste em “Vozes d’África”, sendo esta concebida por ti em primeira pessoa. Àqueles – salvo

exceções como a do “Orfeu da Carapinha”⁴ – cujo silêncio imposto era uma das piores correntes, imaginá-los falando em verso e transmitindo suas dores e revoltas ao teu público, foi algo de suma importância, sem que, certamente, os prisioneiros da escravização o soubessem e os escravistas te levassem a sério.

E veio um filho de escravizados conquistar um lugar no painel das letras nacionais. Também untou-se de noite, e com as tintas mais trágicas e as ironias mais incandescentes. Este não foi vendido. Mas espezinhado pelo racismo até o desespero. Foi um teu admirador confesso. Amou teus versos na juventude. Quando do teu nascimento para a eternidade, em 1871, ele contava apenas 9 anos de vida.⁵ Por uns tempos, emprestou de ti, e de tuas fontes estrangeiras, o tom oratório. Afinal, como escreveu Jamil Almansur Haddad:

O século XIX brasileiro é caracterizado por quatro tônicas: Nacionalismo, Liberalismo, Retórica e Revolução, não se podendo com toda a certeza precisar onde termina a primeira para dar lugar à segunda e onde a terceira fronteira a última, pois que o espírito que exacerba o nacionalismo vive de liberdade e esta se exprime sob a forma de discurso ou de tiro de canhão. (Alves, 1953, p. 10)

Mas, aquele que ficou conhecido como o maior simbolista brasileiro, Cruz e Sousa, levou ao extremo a visão do emparedamento que tu procuraste denunciar. A dor que tu cantavas, ele era esta dor. Por isso, podia expor seus dilaceramentos interiores – contava com a história pessoal – e, também, dirigir-se à África com a intimidade de filho, para apontar-lhe o suplício ao qual a submetiam, como em “Dor Negra”, poema em prosa do livro **Evocações**:

O que canta Réquiem eterno e soluça e ulula, grita e ri risadas bufas e mortais no teu sangue, cálix sinistro dos calvários do teu corpo, é a Miséria humana, acorrentando-te a grilhões e metendo-te ferros em brasa pelo ventre, esmagando-te com o duro coturno egoístico das Civilizações, em nome, no nome falso e mascarado de uma ridícula e rota liberdade, e metendo-te ferro em brasa pela boca e metendo-te ferros em brasa pelos olhos e dançando e saltando macabramente sobre o lodo argiloso dos cemitérios do teu Sonho. (Sousa, 1961, p.525-526)

Foi um grande “eu” poético negro, que, em uma idade decisiva para a formação cultural, encontrou em tuas ousadias artísticas e ideológicas algumas direções de caminhos. Os “eus” de personagens postados eretos em teus poemas, brandindo dignidade e, para alcançá-la, fazendo uso até mesmo do suicídio ou da vingança, foram um grande legado.

⁴ “Quero que o mundo me encarando, veja /Um retumbante *Orfeu da Carapinha* ...” (Silva, 1954, p. 114)

⁵ “A poesia romântica é a que João da Cruz encontrou no ambiente em que nasce. É a que pratica em 1879, de quando restam suas primeiras produções, até 1883. (...) Sob a perspectiva de escolas literárias, foi Cruz e Sousa primeiramente um romântico de que ainda é prova a aposição, no alto dos versos, de uma citação de Castro Alves ou de outro da escola. A imagem de Castro Alves, apenas falecido em 1871, era então ainda muito viva e lembrada pela imprensa. O número nove do jornal Colombo (órgão em que Cruz e Sousa era um dos redatores), de 7 de julho de 1881, é dedicado ao décênio de morte de Castro Alves”. (Pauli, s.d., p. 110-111)

Depois da virada do século, a afro-descendência encontrou em seus poemas abolicionistas um dos instrumentos para a redescoberta de si mesma, para o seu posicionamento na História, reescrevendo-a. A indignação e a saga, irmanadas em tua literatura social, aproximam-te da Poesia Negra. Longo é o caminho de tal reescritura. Carlos de Assumpção bem o demonstra em seu poema "Protesto". A saga afro-brasileira continua, mas o poeta reatualiza antigas resistências. Castro, ouves?

PROTESTO

Mesmo que voltem as costas

Às minhas palavras de fogo

Não pararei de gritar

Não pararei

Não pararei de gritar

...

Senhores

Atrás do muro da noite

Sem que ninguém o perceba

Muitos dos meus ancestrais

Já mortos há muito tempo

Reúnem-se em minha casa

E nos pomos a conversar

Sobre coisas amargas

Sobre grilhões e correntes

Que no passado eram visíveis

Sobre grilhões e correntes

Que no presente são invisíveis

Invisíveis mas existentes

Nos braços no pensamento

Nos passos nos sonhos na vida

De cada um dos que vivem

Juntos comigo enfeitados da Pátria

...

Hoje grito meu irmão

É porque depois de tudo

A justiça não chegou

...

Sempre sonhara com a liberdade

Mas a liberdade que me deram

Foi mais ilusão que liberdade

...

Mas irmão fica sabendo

Piedade não é o que eu quero

Piedade não me interessa

Os fracos pedem piedade

Eu quero coisa melhor

Eu não quero mais viver

No porão da sociedade

...

*Basta de humilhações
 Minha alma já está cansada
 Eu quero o sol que é de todos
 Quero a vida que é de todos
 Ou alcanço tudo o que eu quero
 Ou gritarei a noite inteira
 Como gritam os vulcões
 Como gritam os vendavais
 Como grita o mar
 E nem a morte terá força
 Para me fazer calar*
 (Assumpção, 1982, p. 41-49)

Ainda a direção aponta para um leitor ideal e privilegiado, similar aos teus: “Senhores”, “Irmão”. Brancos, sem dúvida. No entanto, o porão do navio é o “porão da sociedade”. E já não se insiste com aquela tua busca de comiseração divina ou humana presente em vários poemas de tua obra. Carlos de Assumpção é enfático: “Piedade não é o que eu quero/Piedade não me interessa”. Mas, de textos como “Tragédia no Lar” e “Vozes d’África” podem ter viajado no tempo os **bastas!** Lembbras?

...
 — *Senhores! **bast**a a desgraça
 De não ter pátria nem lar,
 De ter honra e ser vendida,
 De ter alma e nunca amar!
 Deixai à noite que chora
 Que espere ao menos a aurora,*
 (Alves, 1953, p. 460)

...
Basta, Senhor! De teu potente braço
 Role através dos astros e do espaço
 Perdão para os crimes meus!
 Há dous mil anos eu soluço um grito...
 Escuta o brado meu lá no infinito,
 Meu Deus! Senhor, meu Deus!!..
 (Alves, 1953, p. 535)

Ao “Basta!” de Assumpção segue um “Eu quero”. E é este querer negro que define a autonomia dos novos tempos. A libertação dos escravizados foi um sucesso. Para os brancos. Como “a justiça não chegou” e os abolicionistas deram por encerrada sua tarefa, coube aos afro-descendentes continuar “seu” projeto de liberdade. Do “Protesto”, de Carlos de Assumpção, ao poema “Atitude”, de Oswald de Camargo, pode-se perceber outro passo fundamental: o “eu” poético concebe um “nós”, constituído como o destinatário ideal do discurso. Continua a saga, e a sua singularização vai situar-se no nível da elaboração estética. E nela, tu, meu caro Antônio, serás intertextualizado. Ouves?

ATITUDE

*Eu tenho a alma e o peito descobertos
à sorte de ser homem, homem negro,
primeiro imitador da noite e seus mistérios.
Triste entre os mais tristes, útil
como um animal de rosto manso.
Muita agonia bóia nos meus olhos,
Inspiro poesia ao vate branco:
“... Stamos em pleno mar...”
Estamos em plena angústia!*

...

*Anoitecidos já dentro,
tentamos criar um riso,
não riso para o senhor
não riso para a senhora,
mas negro riso que suje
a rósea boca da aurora
e espalhe-se pelo mundo
sem arremedo ou moldagem,
e force os lábios tão finos
da senhorita igualdade!
(Camargo, 1978, p. 42-44)*

Há mais de um século do início da publicação de tua obra, meu querido Frederico, o poeta Oswald de Camargo, irmanado a tantos outros, expõe os movimentos de uma subjetividade que, ao propor uma solidariedade entre negros, cria, em face da ideologia da “democracia racial”, o estranhamento. Em seu poema, negro é a fonte, a sede e o ato de beber. Não mais o “negro tema”, mas o “negro vida”.⁶ Poema como causa existencial, libertação dos “grilhões e correntes/que no presente são invisíveis”, como sinalizou Carlos de Assumpção no “Protesto”. Dessa subjetividade singular deriva a ousadia de permitir, no texto, que o legítimo ressentimento e rancor – o ódio santo de que falava Cruz e Sousa, no poema “Ódio Sagrado”,⁷ do livro **Últimos sonetos** –, superando os pudores ideológico-moralistas dos cânones literários, também fossem passíveis de poesia. Ainda aqui, a tua familiaridade. Em outro nível, hoje, é assumida a postura do teu

⁶ Na acepção de Guerreiro Ramos, no ensaio *Patologia Social do ‘Branco’ Brasileiro*: “O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção. O negro-vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, protéico, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje”. (Ramos, 1995, p. 215)

⁷ “Ó meu ódio, meu ódio majestoso/meu ódio santo e puro e benfazejo,/unge-me a fronte com teu grande beijo/torna-me humilde e torna-me orgulhoso//Humilde, com os humildes generoso/orgulhoso com os seres sem Desejo,/sem Bondade, sem Fé e sem lampejo/de sol fecundador e carinhoso.//Ó meu ódio, meu lábaro bendito,/de minh’alma agitado no infinito,/através de outros lábaros sagrados,/ódio são, ódio bom! sê meu escudo/ contra os vilões do Amor, que infamam tudo,/das sete tôrres dos mortais Pecados!”. (Sousa, 1961, p. 205)

BANDIDO NEGRO

*Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.*

...

*Trema o vale, o rochedo escarpado,
Trema o céu de trovões carregado,
Ao passar da rajada de heróis,
Que nas éguas fatais desgrenhadas
Vão brandindo essas brancas espadas,
Que se amolam nas campas de avós.*
(Alves, 1953, p. 470)

Mas, veja, há um outro desejo de vingança, mais amplo, que Éle Semog traz na primeira parte de seu poema “O Arco-Íris Negro”, intitulada Odisséia:

*Tragam as flores do campo
E os guerreiros mortos
Tragam o silêncio
E a mão de ferro do rei inimigo
Tragam o grito de pavor de seu filho
E tragam também sua alma acorrentada.*

Hoje é dia de vitória e vingança!

...

*Tragam a cruz cristã
Para que ela não nos deixe mentir.
Tragam o coração do rei
Para que eu possa comê-lo*

...

(Semog, 1978, p. 76)

O “rei inimigo” demonstra o sentido da crítica social ampla.

Podemos mesmo dizer que, através do tempo, Prometeu que foste, pudeste aportar para a atualidade a labareda singular da paixão, com a qual estabeleceste correspondências profundas com a Poesia Negra contemporânea, não aquela volta-da para o folclore, para um ufanismo cultural daquilo que há de amorfo na tradição, mas a que nasce de um compromisso visceral com a vida humana. Depois de várias iconoclastias literárias – algumas que aboliram das palavras, quase por completo, o sentimento e a empatia com o outro – continuas a instigar quantos se acovardam diante da vida e diante da necessidade de se transformar o mundo para melhor, em todas as suas dimensões.

De banzos marcados pela perda da terra original, que muito sinalizaste na trajetória dos escravizados, chegou-se, nos dias de hoje, ao lugar distante do “si mes-

mo”, do ser-pessoa-cultura-identidade. A afirmação da Poesia Negra reconhece a necessidade da busca. “Eu sou” é expressão que atravessa inúmeros poemas negros. Ela reflete o empenho do afro-brasileiro para reduzir a distância de si próprio, e reconstruir a visibilidade individual e coletiva. O afro-gaúcho Oliveira Silveira traça um paralelo entre o ontem e o hoje, estabelecendo os caminhos de sua identidade negra, com o poema “Sou”:

*Sou a palavra cacimba
pra sede de todo mundo
e tenho assim minha alma:
água limpa e céu no fundo.*

*Já fui remo, fui enxada
e pedra de construção;
trilho de estrada-de-ferro,
lavoura, semente, grão.*

...

*Sou o samba das escolas
em todos os carnavais.
Sou o samba da cidade
e lá dos confins rurais.*

...

*Sou o trabalho e a luta,
suor e sangue de quem
nas entranhas desta terra
nutre raízes também.*
(Oliveira, 1977, p. 14)

Há um ponto final. Vou preferir as reticências... Nelas cabem o mar, o céu e o amor. E eu sei que a tudo isso insuflaste o fogo interior dos homens, seus anseios, sofrimentos, conflitos. Meu prezado Libertário, a ti as vozes negras de tantos poetas reconstruindo a dignidade dizendo sim e não. E, com um adendo do “Canto aos Palmares”, do poeta Solano Trindade, selemos a nossa cumplicidade:

*Eu canto aos Palmares
sem inveja de Virgílio, de Homero
e de Camões
porque o meu canto
é o grito de uma raça
em plena luta pela liberdade!*
(Trindade, 1981, p. 23)

RÉSUMÉ

Il y a une relation étroite entre l'oeuvre du poète Castro Alves et la poésie des Noirs Brésiliens, à cause de la thématique, aussi bien que de leurs appels à l'oralité. Le besoin de faire la mobilization social a produit beaucoup de poèmes justes pour la déclamation. Il s'en est suivi d'une identité idéologique et, en même temps, formelle. La vision du monde et l'engagement contre le racisme ont permis aux *afro-descendants* de créer une poésie viscéral que, dans le dialogue critique avec le *Poète des Esclaves*, révèle une subjectivité singulière, née de l'expérience vécue. Luiz Gama, qui a écrit son oeuvre avant Castro Alves, Cruz e Sousa, Solano Trindade et les poètes contemporains Carlos de Assumpção, Oswaldo de Camargo e Éle Semog sont les auteurs choisis pour ce rapprochement, écrit dans un style épistolaire.

Referências bibliográficas

- ALVES, Castro. **Poesias completas**. Org. rev. e notas Frederico José da Silva Ramos. São Paulo: Saraiva, 1953.
- ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Protesto**. São Paulo: s.c.p., 1982.
- BARRETO, Lima. **Recordações do escrivo Isaiás Caminha**. Rio de Janeiro: Ouro, s.d.
- CALMON, Pedro. **História de Castro Alves**. Rio de Janeiro; São Paulo: José Olympio, 1947.
- CAMARGO, Oswaldo de. **Atitude**. **Cadernos Negros 1**. São Paulo: Autores, 1978.
- PAULI, Evaldo. **Cruz e Sousa poeta e pensador**. São Paulo: Escritor, s.d.
- RAMOS, Guerreiro. **Introdução crítica à Sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- SEMOG, Éle; Limeira, José Carlos Limeira. **O arco-iris negro**. Rio de Janeiro: s.c.p., 1978.
- SILVA, J. Romão da. **Luís Gama e suas poesias satíricas**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, [1954].
- SILVEIRA, Oliveira. **Pêlo escuro**; poemas afro-gaúchos. Porto Alegre: Autor, 1977.
- TRINDADE, Solano. **Cantares ao meu povo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.